

AS QUITANDEIRAS E A RESISTÊNCIA NO LIVRO DIDÁTICO

Edvane de Araújo Andrade Silva

edvaneaasilva@hotmail.com

Nova Forma de Abordar a História

O que é resultado do comportamento humano é considerado um novo objeto de estudo. Assim, qualquer fonte poderá ser utilizada dessa forma, podendo a imagem, enquanto produto e retratação da atividade humana, ser usada como um instrumento que facilitará a compreensão de certos acontecimentos. Partindo deste princípio, a utilização de imagens poderá ser feita para recontar qualquer história.

Quando pensamos nas imagens devemos ter em mente a noção que elas servem como representações das sociedades onde foram criadas, podendo atuar na “escrita” de épocas passadas.

Os estudos de Eduardo França Paiva contribuíram para a legitimação da importância da utilização de imagens na História. Este autor destaca em sua obra, *História e Imagens*, que cada vez mais *as novas gerações de historiadores brasileiros vêm usando como fonte privilegiada a iconografia*¹, visto que a utilização de imagens não só contribui para ilustrar ou embelezar o texto, mas, que as imagens *trazem embutidas as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada*².

Ao fazermos parte de qualquer sistema social, estamos abertos e bem à vontade para recebermos imagens que não ajudamos a produzir, dessa forma, a todo o momento somos abordados por informações que nos impõem valores e questionamentos. Nosso trabalho objetivou apresentar uma análise realizada nos livros didáticos sobre iconografias que retratam os escravos. Nessas imagens foram observados

1 PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. pág. 17.

2 PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. pág. 17

comportamentos de resistência aplicados pelos escravos no período do sistema escravocrata. *“Na academia, o trabalho do historiador pode tanto excluir como recuperar ou resgatar “atos” excluídos; no livro didático o processo de exclusão de ações e sujeitos faz parte da lógica de didatização”.* (Fonseca, 2008, p. 53).

Faz parte da atividade do historiador reconstruir fatos da história que foram deixados de lado ou excluídos do conhecimento do público. O detalhe é que tempos atrás, quando algum assunto referente a questões étnicas era destacado nos livros, era apresentado de forma rápida e sem muitos detalhes. Entretanto, com a lei 10.639 de janeiro de 2003, que determina o ensino de história da África, esse tema, que antes não era estudado, passou a receber um pouco mais de atenção no mercado de livros. Sabemos que ainda falta muito para satisfazer a necessidade, mas segundo a Lei é exigido pelos consumidores mudanças que melhorem a qualidade das informações dos livros didáticos, afastando inclusive o preconceito racial, político e religioso.

No trabalho de José Alexandre da Silva, intitulado *Imagens da Escravidão Negra nos Livros Didáticos de História*, uma análise das iconografias dos negros escravos é elaborada com a finalidade de observar se o escravo é apresentado em situação degradante, executando trabalhos pesados ou amarrado ao tronco. Em parte a pesquisa de José Alexandre se aproxima um pouco da nossa, pois os dois trabalhos fazem referência às imagens elaboradas por artistas franceses que representam o século XIX. Visando também apresentar uma reflexão sobre a iconografia que apresenta o negro no livro didático, o nosso trabalho mostra também, uma nova perspectiva nas interpretações dessas representações, já que buscamos reconhecer no comportamento dos escravos, suas práticas das resistências, dando destaque, inclusive, ao escravo de ganho e as quitandeiras.

O livro didático

Sabemos da importância das várias leituras que o educador pode oferecer aos seus alunos, entretanto, o livro didático termina sempre como um referencial na vida escolar do aluno, tornando-se assim, um importante instrumento na construção do

“saber”. Seu valor é percebido a partir da transmissão dos valores passados pelos textos, contudo, a imagem exerce um poder de sedução diante da curiosidade do olhar estudantil. Nas imagens que retratam o cotidiano dos escravos, observamos que geralmente são de autores franceses onde destacamos entre esses autores, obras de Debret, que cujo olhar bem a frente do seu tempo teve a sensibilidade de retratar o cotidiano dos sujeitos que não tinham direito a história. Isto significa que, bem antes da revolução da História, Debret através de suas pinturas representava a vida dos escravos identificando de certa forma alguns valores que passavam despercebidos.

Assim como o olhar de Debret, o nosso livro didático precisa apresentar novas perspectivas, novas formas de abordagens, inclusive, com ilustrações dentro do contexto brasileiro e de autoria de artistas nacionais. Sabemos que no livro didático, a imagem tem como finalidade complementar a compreensão do texto, entretanto, muitas vezes ela surge apenas como uma simples ilustração deixando de exercer o seu papel de agente transmissor de informação. É importante que ao referirmos ao contexto, façamos também referência a utilização deste dentro do ambiente regional, pois não é interessante para nossas crianças e jovens fazer um estudo longe da nossa própria realidade.

No processo de inclusão do ensino de história da África e de assuntos relacionados com essa temática, as editoras de livros didáticos têm um papel decisivo, já que o governo além de exigir protege o ensino desse novo objeto de estudo. Dessa forma, cabe a essas editoras a forma de como abordar esse estudo e acreditar que realmente esse assunto irá despertar interesses, mesmo diante da possibilidade de que a escola ainda não esteja preparada para a abordagem de assuntos relacionados com questões étnicas, destacando inclusive, que o aluno não pode ter somente como referencial as leituras dos livros didáticos.

A resistência

Embora durante muito tempo a história não tenha dado muita importância à vida do escravo, sabemos que, por três séculos inteiros a escravidão fez parte da história

brasileira. Assim, diante da construção de nossas origens percebemos a importância de se conhecer a história desse povo africano, cujos valores aos poucos são reconhecidos através da construção de nossa própria identidade e a história Cultural é quem esta permitindo a reconstrução dessa nova realidade.

É inquietante imaginarmos em que condições o negro se tornou habitante das terras brasileiras. Muito longe de sua nação, sentiram-se obrigados a se adequar ao novo estilo de vida imposto pela escravidão.

Se na história oficial as mulheres tiveram um papel silencioso, é constrangedor imaginarmos a situação da mulher negra, que foi completamente esquecida da história brasileira.

No jogo oficial da afirmação de identidade étnica, foi necessário reparar a história conhecida da escravidão brasileira. Creditava-se às antigas representações um reflexo do modo como o negro era percebido na sociedade brasileira: vitimado, passivo, submisso e refém da história, ou seja, sempre distante do papel de agente do processo histórico. (DA SILVA, 2007, P. 16.).

A identidade do africano é destacada como pessoa incapaz de lutar contra seu dominador. Acreditava-se que o escravo seria possuidor de muita ingenuidade e de muita passividade, dessa forma, este, estaria muito longe de ser também, um povo guerreiro e rebelde.

No trabalho de Carlos Haag, é feita uma análise da situação da mulher negra na escravidão. Como todos os escravos que chegavam ao Ocidente, recebiam o batismo adquirindo nova identidade. Carlos Haag utiliza-se de fragmentos do livro Mulheres Negras do Brasil, de Schuma Schumacher e Érico Vital Brasil, para destacar a importância da presença da mulher negra na história, pois, mesmo como amas-de-leite e/ou como amantes, percebia-se toda a resistência aplicada contra os açoites da vida escrava e da luta pela preservação da cultura, afro e da dignidade racial.

No Brasil, rebatizadas, viravam Evas, Marias e mesmo Felicidades. Durante a colonização, as africanas fizeram de tudo, do serviço doméstico até o trabalho duro nas lavouras e nos engenhos. “Desde os primeiros momentos resistiram, lutaram e geraram soluções. Ao longo dos tempos reinventaram um Mundo Novo, no qual plantaram sementes e valores que brotaram e deram frutos belos e vigorosos. Agregaram fé, saberes e sabores às maneiras

de ser de toda gente que, de geração em geração, continuam a chegar na recriação de novos rumos.” (HAAG, Carlos. 2007. P.82).

As negras faziam desde trabalhos no interior das casas grandes até trabalhos pesados nas lavouras e engenhos. Mesmo antes da chegada às terras brasileiras os escravos e escravas resistiam de várias formas para tentar amenizar e melhorar sua própria condição de sobrevivência escrava.

Segundo palavras de Debret:

“A negra, extremamente sensual, embora fiel e casta no casamento, não resiste ao desejo de conquistar o amor do dono por meio de cuidados particulares e atenções escondidas sob a aparência da humildade; deve-se dizer que essa artimanha dá excelentes resultados em todas as circunstâncias”. (DEBRET, apud, HAAG, Carlos. 2007. P.82).

Sob a imagem de moça humilde e utilizando-se da própria sensualidade, as negras escravas faziam o papel de amantes para conseguir dominar seu Senhor, embora muitas vezes estas ficassem expostas aos assédios sexuais dos Senhores, despertavam também muita ira por parte das Senhoras por ciúmes de seus maridos. Dentro desse panorama, o papel da amante estaria associado à prática da resistência pela intenção da mesma, como escrava, conseguir uma vida mais confortável diante do papel de escrava concubina.

Observamos no comportamento dessas mulheres a presença da força, da coragem, do talento e de muita astúcia, pois, trabalhando como escravas, inclusive algumas, como escravas de ganho, as quitandeiras, exerciam a prática do comércio de doces, frutas ou quaisquer outros produtos vendidos sempre em tabuleiros ou em cestos na cabeça.

As quitandeiras, (originadas do quimbundo Kitanda cujo significado: mercado ou feira), vendiam produtos com a finalidade de conseguir renda para pequenos produtores da sociedade escravista brasileira, entretanto, essa atividade era um importante elo de comunicação e resistência para o elemento escravo. Essas mulheres se utilizavam do envolvimento com a produção de alimentos para se aproximar dos negros moradores de casas coletivas, facilitando assim, fugas, rebeliões e encontros dos negros

fujões, enfim, possíveis atitudes que geravam resistências. Essas quitandeiras eram populares e se apresentavam sempre com turbantes grandes, usando panos-da-costa por cima dos ombros, saia rodada, blusa de renda e cruzavam a cidade com o cesto na cabeça. Como trabalhavam exclusivamente nas ruas, conheciam os labirintos urbanos facilitando a fuga de qualquer escravo que precisasse da sua cumplicidade. Além disso, após a entrega do lucro das vendas aos seus senhores, elas conseguiam poupar algum dinheiro para no futuro comprar sua própria liberdade, conseqüentemente, segundo alguns estudiosos, essa prática deu origem as conhecidas contas de poupança hoje tão utilizadas.

“A população escravizada se transformou no primeiro grupo de poupadores da história do Brasil. As primeiras contas poupanças foram abertas por quitandeiras, ganhadeiras e cativas ainda no século XIX” (HAAG, Carlos. 2007. P. 83).

Dentro dos quilombos, essas mulheres que a sociedade excluía por seu gênero e cor de pele, tiveram um papel de grande importância, pois, segundo a historiadora Maria Graham: As negras intermediavam o mercado de frutas, no abastecimento de alimentos, confecções de roupas e preservação de valores culturais e religiosos.

Algumas quitandeiras ex-escravas tornaram-se bem-sucedidas, como Bárbara Gomes de Abreu e Lima, ex-cativa que viveu nas primeiras décadas do século XVIII, em Minas Gerais. (SHUMAHER e BRASIL, 2007. P. 64). Com a liberdade conquistada, essas quitandeiras oficializavam um comércio consolidado pela prática das vendas durante o período em que viveram como escravas, a esse comércio, muitas vezes ampliavam-se de tal forma que resultava em uma grande rede de compra e venda de mercadorias, estabelecendo vínculos com outras capitanias e conseqüentemente gerando acúmulo de riqueza. Observamos então, a presença da mulher como profissional e como provedora, pois, ao conseguir juntar dinheiro para comprar a liberdade da sua família, reconstruía também a história da sua própria vida.

“Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas”. Nesta confiança posta na inteligência e na inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco, sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

dono do teatro de operações, se esboça uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos. (CERTEAU, 1996, p. 19).

Certeau refere-se ao sujeito mais fraco e mais humilde como um alguém que não deve ser subestimado, independente de se ter riqueza ou não, pois deve ser respeitado pela sua inventividade e pelas suas táticas de resistir ao mais forte, sempre dono das situações. Segundo Certeau:

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras o preparar as refeições etc.) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”; vitória do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, arte de dar golpes, astúcias de “caçadores”, mobilidades da mão de obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. (CERTEAU. 1996. P. 47).

São muitas as ações humanas no dia a dia do sujeito que fazem parte do conceito de táticas, são os sucessos que fazem parte da vida, as formas de se ganhar do “forte” aproveitando as determinadas ocasiões e, as resistências fazem parte desse campo das táticas, pois o escravo na insistência de desobedecer a seu senhor pratica uma ação oportunista para enfim, burlar as ordens recebidas visando adquirir algum interesse desejado. É através da astúcia que o escravo tenta dominar seu senhor. Entretanto, nas palavras de Foucault identificamos o poder do senhor ao impor o castigo quando o escravo deixa de obedecê-lo.

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. (Foucault, 2008, P. 14).

O corpo pode ser comparado a um instrumento, que preso para cumprir suas obrigações se torna privado do bem maior de direito, a liberdade. Diante da situação de prisioneiro o escravo fica exposto aos mais variados castigos, afastando assim, a visão

de agentes infantilizados, tendo-se como resultado, indivíduos estúpidos, consequência da violência recebida.

Segundo Chalhoub a concepção de liberdade do escravo era bem diversa. Para alguns, a liberdade poderia ser conseguida através de uma vida justa, sempre cumprindo com os seus deveres, outros, mesmo sendo escravo usufruíam de certa liberdade, pois tinham direito de morar com a sua família longe da casa do seu Senhor e trabalhar em diversas atividades, enquanto isso, outros preferiam viver praticando atividades desonestas, em troca da vida de escravos prisioneiros. Sabemos que eles contribuíram para a nossa colonização, mas, em vários trabalhos observamos que esses sujeitos históricos faziam questão de resistir para poder fazer parte de uma sociedade mais justa, onde pudessem conviver com suas tradições e costumes, mesmo apresentando uma diversidade de valores.

Considerações Finais

O valor da mulher negra escrava na história brasileira, sempre foi esquecido pelo livro didático. Instrumento que sempre silenciou sobre a presença feminina na história. Sabemos da contribuição dada pelos escravos que permitiu o desenvolvimento brasileiro, portanto, o trabalho escravo tão marcado pela opressão, pelo castigo e pela falta de liberdade, precisa ser mais bem representado pelas iconografias dos livros didáticos, pois muitas vezes essas imagens não facilitam a compreensão dos textos e apenas adornam algumas páginas, simplesmente para embelezar a obra.

É importante se reconhecer, que, a maioria das pessoas que compõem a nossa população descende do povo africano, portanto reconhecer a história da África significa conhecer também a nossa própria história.

É constrangedor observar que a maior parte dos livros didáticos reforça a construção da identidade negra baseada na escravidão, inclusive, explorando o conceito de que os escravos seriam passivos e dóceis possibilitando assim a presença de uma convivência harmoniosa com os seus Senhores. Entretanto, diante da análise de nossas pesquisas reconhecemos que havia várias formas de resistência e, que o negro jamais se

submeteria aos domínios do branco sem promover uma reação de luta ou de revolta. Mesmo sem poder reagir, muitas vezes, não aceitavam passivamente as ordens dos seus Senhores, submetendo-se inclusive a prática do suicídio, abortos, fugas ou até acusações de mortes por assassinato dos seus donos e familiares destes.

Ainda se está longe de conseguir apresentar um caminho para chegar a uma nova construção da identidade negra e afrodescendente, no entanto, as abordagens historiográficas referentes às questões da escravidão deveriam ser mais enriquecidas de valores, resistência e negociação procurando mostrar de forma mais clara toda a complexidade do sistema escravista no Brasil, inclusive uma discussão mais profunda com relação à discriminação racial, objetivando a superação das diferenças étnicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHALHOUB, Sidey. Trabalho, Lar e Botequim. *O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. (2ª Ed.) Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História. 7ª edição, Campinas, SP: Papirus, 2008. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; trad. Raquel Ramalhete. 35. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HAAG, Carlos. *Uma história das mulheres negras*. IN. Biblioteca entre Livros. Vozes da África. 2007. P. 80 a 85.

MOREIRA, Carlos Eduardo. *Cidades Negras: Africanos Crioulos e Espaços Urbanos no Brasil Escravista do Século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Qual a condição social dos negros no Brasil depois do fim da escravidão?* – O pós-abolição no ensino de História. Museu da República. Rio de Janeiro, 2005. P. 11 a 26.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

SILVA, José Alexandre. *Imagens da escravidão negra em livros didáticos de história*. Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR “Patrimônio Histórico no Século XXI”. 2008

SILVA, Vagner Gonçalves. *Imaginário, Cotidiano e Poder*. – São Paulo; selo negro, 2007. – Memória afro-brasileira.

THORNTON, John. *A África e os Africanos na Formação do mundo Atlântico – 1400 – 1800*. RJ: Elsevier, 2004.